

Erico Verissimo

A vida de Joana d’Arc

Ilustrações

Rafael Anton



Copyright do texto © 2011 by Herdeiros de Erico Verissimo
Copyright das ilustrações © 2011 by Rafael Anton

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA warrakloureiro

ILUSTRAÇÕES Rafael Anton

SUPERVISÃO EDITORIAL Flávio Aguiar

EDIÇÃO Heloisa Jahn

REVISÃO Mariana Zanini e Luciana Helena Gomide

1ª edição, 1935;
10ª edição, 1978

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Verissimo, Erico, 1905-1975.
A vida de Joana D'Arc / Erico Verissimo ; ilustrações Rafael Anton.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1996-7

1. França - História - Carlos VII, 1422-1461 2. França - História da Igreja 3. Joana, d'Arc, Santa, 1412-1431 4. Santas cristãs - França - Biografia I. Anton, Rafael. II. Título.

11-11954

CDD-944.026092

Índice para catálogo sistemático:

1. Joana d'Arc : França : História : Reinado de Carlos VII :
Biografia 944.026092

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Prefácio de Heloisa Prieto, 8

1. A menina Joana, 15
2. Que foi que os galos viram?, 20
3. Merlin, o encantador, 24
4. Nossa Senhora de Bermont, 26
5. O vizinho doente, 29
6. A Árvore-das-Fadas, 32
7. Joana e os bichos de Nosso Senhor, 34
8. O burrinho triste, 35
9. A história de santa Margarida, 39
10. A história de santa Catarina, 42
11. Os homens são maus, 47
12. Pobre Domrémy!, 49
13. Uma história sem fadas, 52
14. A voz luminosa, 56
15. As visões queridas, 58
16. Uma vida nova, 62
17. O sonho de Jacques d'Arc, 65
18. A inspiração de são Remígio, 67
19. A ordem do arcanjo, 70

20. A primeira viagem a Vaucouleurs, 72
21. A fuga para Neufchâteau, 74
22. Adeus, Domrémy!, 77
23. Outra vez em Vaucouleurs, 79
24. “Deus aplainará o caminho...”, 82
25. A jornada, 85
26. Rei sem coroa, Reino sem rei, 89
27. O sinal, 93
28. O conselho dos quatro, 97
29. Como santa Catarina diante dos doutores, 99
30. A espada das cinco cruzes, 102
31. A mensagem aos ingleses, 105
32. Para Orléans!, 109
33. Deus é o senhor dos ventos, 114
34. A entrada em Orléans, 116
35. A vitória, 120
36. “Para a frente, filha de Deus!”, 128
37. Uma semana gloriosa, 132
38. Para Reims!, 137
39. Châlons e Reims capitulam, 141
40. A sagração, 144
41. Silêncio, 150
42. Sombras no caminho, 154
43. A fuga de Pedro Cauchon, 158
44. A espada quebrada, 162
45. O ataque de Paris, 165
46. Despojada da armadura, 171
47. Gien!, 174
48. O exército invisível, 177
49. *Divertissements...*, 181
50. As bodas de Heliote, 184
51. “Antes de São João cairás prisioneira!”, 187
52. O milagre de Lagny, 192
53. Quem escreve é Deus..., 197
54. O último combate, 201
55. Prisioneira, 207

56. Vendida, 210
57. Os dois acorrentados, 212
58. Interlúdio, 217
59. O primeiro interrogatório, 222
60. Como um pobre alvo crivado de frechas..., 225
61. A savelha, 229
62. O processo, 234
63. A abjuração, 239
64. “Hoje estarei com Jesus no Paraíso”, 245
65. A marcha para a morte, 250
66. A fogueira, 254

Glossário de pessoas e lugares, 265

Biografia de Erico Verissimo, 282

Obras de Erico Verissimo, 285

1. A menina Joana

Aquela criaturinha que ali vai cantando é a menina Joana. Olhem só como ela caminha resoluto, como tem os passos largos... Seus pés descalços parecem duas pombas brancas que vão pulando por cima das pedras do caminho.

A manhã é de sol. A primavera chegou a semana passada. O perfume dos prados viaja montado no vento. Nos bosques há lobos ferozes mas também existem lindas árvores floridas.

Joana caminha. Vai à casa de Hauviette, sua amiguinha, que mora perto da colina. Joana canta porque está contente da vida. A vida é boa. Papai e mamãe vivem em paz. Os irmãozinhos vão à escola de Maxey, aldeia que fica do outro lado do rio. A primavera encheu de rosas brancas e vermelhas o jardim lá de casa. As vacas engordam. Os porcos chapinham na lama e grunhem de satisfação. O burrinho peludo sacode as orelhas e zurra de alegria quando Joana lhe vai levar água e feno. Os vizinhos são bons. E os melhores vizinhos do mundo são os santos da igreja que fica perto da casa de Joana: para ver santa Catarina ou santa Margarida basta a gente atravessar o pequeno cemitério...

Sim, a vida é boa. Por isso Joana caminha cantando.

Já avista a casa de Hauviette, com o seu telhado de pedra e sua chaminé fumegando. Fumegando... Decerto já estão fazendo bolos para o almoço.

Joana agora para à beira do rio. Este é o Mosa. Um rio muito comprido que vem de terras distantes e vai para terras distantes.

Joana olha a água clara. A gente pode enxergar os peixes que passam no fundo. O Mosa é um rio bonito. Joana lhe quer um bem muito grande porque quando ela era pequenina ouvia sempre de seu berço o marulho macio das águas, que era uma música de nina-nana. Depois ela cresceu vendo todos os dias o rio amigo. No inverno — engraçado! — o rio crescia mas ficava triste porque espelhava céus cinzentos cheios de nuvens de chuva. Mas quando vinha a primavera o Mosa tornava a ficar alegre, as suas águas eram azuis como o céu e se enfeitavam de pingos dourados de sol. Brotavam jardins nas margens. Jardins como o que agora Joana está vendo.

Que lindo! Os salgueiros se inclinam para a água. Parecem mulheres de cabelos verdes se olhando no espelho do rio. Os olmos estão perfilados e o vento sacode a sua folhagem rendilhada. Os juncos das margens parecem a cabeleira eriçada do sacristão da igreja. Há uma quantidade enorme de plantas aquáticas que Joana não sabe como se chamam. Papai lhe disse o nome de muitas, mas ela esqueceu...

Joana respira forte. Ajoelha-se à beira do rio, molha os dedos nágua e depois encosta-os na testa. Como está fresca a água do rio!

Lá no fundo passam peixes esverdeados. Joana sabe que são trutas. Papai Jacques às vezes vai pescar; no jantar servem truta frita. Joana tem muita pena dos peixes. Não deviam tirar os coitadinhos de dentro d'água... Todos os bichos — os peixes, os veados, os porcos, as vacas, as pombas e os burrinhos — são filhos de Deus. Um pai gosta de ver os filhos maltratados? Não gosta. Logo: Deus não pode gostar de ver os peixes irem para a panela de mamãe Isabel. A última vez que viu uma truta no prato, Joana não quis comer. De pena, de pura pena.

Joana se levanta e continua a andar. A estradinha que leva até a casa de Hauviette se mete moitas adentro, brincando de esconde-esconde. Os passarinhos cantam nas árvores. E Joana tem a impressão de que todas as andorinhas, todos os pardais e todos os rouxinóis a conhecem de vista. Quando eles cantam as suas cantigas que os homens não entendem,

Joana julga saber o que os passarinhos dizem. Agora eles estão perguntando: “Joana, aonde vais?”, E ela, sorrindo, responde assim: “Vou ver a minha amiguinha Hauviette. Gosto muito dela. Não temos a mesma idade, não, senhores! Eu tenho nove anos e ela, cinco. Mas não faz mal... Hauviette é muito boazinha e eu gosto dela!”.

Joana segue o seu caminho, sempre pela beira do rio. Lá na outra margem está a aldeia de Maxey. A gente daqui enxerga os seus telhados vermelhos, os seus moinhos com as grandes pás rodopiando ao vento da manhã.

Joana torna a parar para pensar numa coisa muito triste. A aldeiazinha de Maxey faz com que ela se lembre dos irmãos. Jacquemin mora longe, em Sermaize, com tio Henrique, cura da paróquia. Mas João e Pedrinho frequentam a escola de Maxey e quase sempre voltam com as roupas esfarrapadas, porque brigam com os outros rapazes da aldeia vizinha. Brincam de guerra. Atiram-se pedras, atacam-se a socos.

O rosto de Joana fica sombrio ao pensar nessas coisas. Papai já explicou tudo. Os habitantes de Maxey são partidários dos borgonheses, isto é: são do lado do duque de Borgonha. Os de Domrémy, onde Joana mora com sua gente, são do lado dos armagnacs.

Joana não chega a compreender bem essas lutas dos grandes. Sabe que são dois partidos compostos de homens ferozes que vivem sempre em guerras. E os meninos — maluquinhos! — discutem e lutam também. Não há roupa nem calçado que chegue para João e Pedrinho. Mamãe se queixa muito. Papai já prometeu uma surra a cada um se eles continuam a brigar...

Joana vai pensando que a sua querida aldeia de Domrémy, cujo chão ela agora pisa com tanto amor, podia ser um paraíso se não fossem as guerras. A vida vai correndo muito bem, mas de repente se ouve um barulho, uma gritaria, um tinido de ferros e fica alarmada... Os bichos começam a gritar nos quintais, os burros zurram, as vacas mugem, os galos fazem um cocoricó assustado... As pessoas saem pálidas de suas casas para ver o que aconteceu. Saem e encontram homens de armas, com couraças rebrilhantes, capacetes de aço, lanças, espadas, escudos... E são homens brutos, dizem palavrões feios, comem muito, bebem canecões enormes de vinho e não pagam nada. Depois vão embora levando o gado pela frente, o gado que roubaram aos pobres camponeses de



Domrémy! E ainda todos dão graças a Deus quando os brutos não atravessam com suas lanças pontudas o corpo de algum habitante da aldeia.

Joana tem certeza de que Deus não pode gostar dessas brutalidades. E todas as noites ela reza as orações que mamãe Isabel lhe ensinou. O *Pai-Nosso*, a *Salve-Rainha*, o *Credo*... Reza e pede a Deus que dê juízo e bom coração aos homens. Aos armagnacs, aos borgonheses, a todos, todos...

Joana chega à casa de Hauviette. A amiguinha já está à porta aceitando para ela com a sua mãozinha miúda como um passarinho.

Abraçam-se.

— Como vais? — pergunta Joana.

— Vou bem — responde Hauviette.

A vozinha dela é fina e fraca, fraca e suave como o marulho do rio que Joana ouvia quando estava no berço. Hauviette tem cabelos louros e olhos azuis.

— Vim te buscar para um passeio.

Hauviette bate palmas.

— Que bom! Espera aqui que eu vou pedir à mamãe.

Vai para dentro e volta depressa, pulando de contente.

De mãos dadas as duas amiguinhas se vão. A cabeça de Hauviette mal chega aos ombros de Joana. E é um contraste vivo o vestido vermelho da mais velha com o vestido branco da outra.

— Aonde é que vamos? — pergunta Joana.

— Vamos ver o castelo da ilha.

Vão.

Bem no centro duma ilha formada por dois braços do Mosa, ergue-se um castelo de paredes enegrecidas e altas torres. Ao redor dele, abre-se uma fossa funda. Não mora ninguém no casarão. Joana sabe que é uma fortaleza abandonada. Contam histórias de fantasmas...

Hauviette olha com olhinhos assustados.

— Joana, tu eras capaz de entrar no castelo de noite?

— Eu? Era.

— Sozinha?

— Sozinha.

Hauviette faz uma carinha de incredulidade.

— Não tinhas medo?

— Não. Quem acredita em Deus não tem medo de nada. Cada pessoa tem um anjo da guarda que anda sempre atrás dela.